

DA GLÓRIA À RUÍNA DOS CINEMAS DE RUA NA CIDADE DE JOINVILLE-SC: EXORTAÇÕES À PATRIMONIALIZAÇÃO ASSENTES NA DECADÊNCIA E NOVOS USOS

Christiane Heloisa Kalb
Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina, CESUSC
christianekalb@hotmail.com

Maria Bernardete Ramos Flores
Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC
mberna@gmail.com

RESUMO

Neste estudo busco descrever alguns fatos entre as décadas de 1950 a 1990 que ligam os cinemas de rua existentes em Joinville, especialmente a concorrência entre o Cine Palácio, Cine Colon e Cine Rex, e a partir disso, analiso os motivos ensejadores da decadência desses cinemas. É importante salientar que os usos que se fazem/fizeram desses espaços urbanos vieram se modificando após a guinada industrial que ocorreu na cidade a partir da década de 1950. Por ora, o que se conclui desse estudo é que houve um período de glória dos cinemas de rua, mas que por diversos motivos, especialmente a decadência tecnológica, levou estes espaços de entretenimento e lazer a ruir. Outro motivador foram os novos usos que se fizeram desses espaços, nem sempre consonantes com o desejo dos usuários.

Palavras Chave: Cinemas de rua. Joinville. Patrimônio.

FROM THE GLORY TO THE RUIN OF THE STREET CINEMAS IN JOINVILLE- SC: EXHORTATIONS TO HERITAGE PROCESS BASED ON DECADENCE AND NEW USES

ABSTRACT

In this study I describe some facts between the 1950s and 1990s that connect the existing street cinemas in Joinville, especially the competition between Cine Palácio (formerly Teatro Nicodemus), Cine Colon and Cine Rex, and, from this, I analyze the Reasons for the decline of these cinemas. It is important to emphasize for the moment that the uses made of these urban spaces have been changing, particularly after the industrial turn that occurred in the city from the 1950s. For the time being, the conclusion of this study is that there was a period of glory in the street theaters, but for various reasons, especially the technological decline, these spaces of entertainment and leisure to collapse. Another motivator was the new uses made of these spaces, not always consonant with the desire of residents.

Keywords: Street cinemas. Joinville. Cultural heritage.

DE LA GLORIA A LA RUINA DE LOS CINES CALLEJEROS EN LA CIUDAD DE JOINVILLE-SC: EXHORTACIONES A LA PATRIMONIALIZACIÓN BASADAS EN LA DECADENCIA Y NUEVOS USOS

RESUMEN

En este estudio busco para describir algunos hechos entre las décadas de 1950 a 1990 que conecta los teatros callejeros existentes en Joinville, en especial la competencia entre el Cine Palacio (antes Theatro Nicodemus), el Cine Colon y Cine Rex, y, a partir de eso, se analiza el enajenadores razones de la disminución de estos cines. Es importante tener en cuenta que por ahora los usos que hacen / hicieron estos espacios urbanos llegaron cambiando, sobre todo después del cambio industrial que se produjo en la ciudad desde 1950. Por ahora, lo que se llegó a la conclusión de este estudio es que hubo un período de gloria de teatro en la calle, pero que por diversas razones, especialmente la decadencia tecnológica, tomó estos lugares de entretenimiento y de ocio a desmoronarse. Otra motivación fue los nuevos usos que se hacen de estos espacios, no siempre en línea con el deseo de los usuarios y residentes locales.

Palabras clave: Cines de la calle. Joinville. Patrimoniales.

GLOIRE À LA RUINE DES CINÉMAS DE RUE DANS LA VILLE DE JOINVILLE-SC: EXHORTATIONS À PATRIMONIALISATION SUR LA BASE DE LA POURRITURE ET DE NOUVELLES UTILISATIONS

RÉSUMÉ

Dans cette étude, je cherche à décrire certains faits entre les décennies de 1950-1990 reliant les théâtres de rue existants à Joinville, en particulier la concurrence entre le Cine Palace, Cine Colon et Ciné Rex, et de cela, nous analysons les raisons de enajenadores pour le déclin de ces cinémas. Fait important, les utilisations qui font / ont fait ces espaces urbains sont venus modifier après le changement industriel qui a eu lieu dans la ville des années 1950. Pour le moment, qui conclut cette étude est qu'il y avait une période de gloire des cinémas rue, mais qui, pour diverses raisons, en particulier la décomposition technologique, a pris ces lieux de divertissement et de loisirs à se désagréger. Un autre facteur de motivation sont les nouveaux usages qui sont faits de ces espaces, pas toujours conforme à la volonté des utilisateurs.

Mots-clés: Cinémas rue. Joinville. Patrimoine.

INTRODUÇÃO

O edifício do Theatro Nicodemus, nomeado na década de 1940 de Cine Palácio e hoje utilizado pela Igreja Universal do Reino de Deus, possui uma trajetória histórica em ressonância com a vida da cidade de Joinville, município localizado no nordeste catarinense, com 166 anos completados em 2017. Tal edifício faz parte desta história, uma vez que soma 100 anos desde a sua inauguração. No entanto, este cineteatro não foi o único a despontar o entretenimento na cidade de Joinville.

Neste estudo que se inicia, busco descrever alguns fatos entre as décadas de 1950 a 1990 que ligam os cinemas de rua existentes em Joinville, especialmente a concorrência entre o Cine Palácio (antigo Theatro Nicodemus), Cine Colon e Cine Rex, e analiso os motivos ensejadores da decadência desses cinemas. É importante salientar por ora que os usos que se fazem dos espaços urbanos vieram se modificando, particularmente após a guinada industrial que ocorreu na cidade a partir da década de 1950. Fato que se repetiu em outras cidades catarinenses, como Blumenau e Jaraguá do Sul, onde a industrialização trouxe novos contornos que repercutiram de alguma forma na (re)constituição urbana.

O Theatro Nicodemus foi inaugurado em 1917 e na época Joinville era habitada por pessoas que eram, em sua maioria, de acordo com as estatísticas numéricas daquele momento realizados pelos próprios administradores da Colônia, imigrantes europeus que chegaram à cidade a partir de 1851, ano de sua fundação, vindos de países mais industrializados (COELHO, 2011; FICKER, 2008; GUEDES, 2005; NIEHUES, 2000). Alguns destes imigrantes europeus eram oriundos de famílias ricas que criaram fábricas e pequenos negócios. Outros imigrantes trabalharam como operários e trabalhadores e também fizeram parte da construção da cidade recém colonizada. Logo, a vida urbana se instaurava e se desenvolvia, e o edifício do Theatro Nicodemus e os outros cines são parte dessa construção da cidade, tanto sob o ponto de vista arquitetônico quanto político e, por que não falar, da memória afetiva relacionada aos locais.

No íterim dos acontecimentos que se analisarão a seguir, Cine Rex surge na década de trinta e vinte anos mais tarde, o Cine Colon vem despontar no mercado de entretenimento junto ao Cine Palácio (antigo Theatro Nicodemus), que é assim renomeado nos anos quarenta. Um pouco mais tarde, na década de oitenta o Cine Chaplin também vem concorrer com os outros cinemas, apesar de atuar num campo mais alternativo dos filmes exibidos em seu espaço.

Para entender o que se passou entre a década de 1950, auge dos cinemas de rua até a sua completa decadência nos anos noventa, realizei pesquisa documental junto ao Arquivo Histórico de Joinville – AHJ em jornais locais publicados na época destacada. Este estudo é um recorte da Tese de Doutorado que defendi em fevereiro último (KALB, 2017), desenvolvida no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas, da UFSC. É importante destacar que nessa biografia histórico-cultural não foi apenas analisado o que se passava no Theatro Nicodemus (mais tarde Cine Palácio) e em seu entorno, mas também foi verificado que há referências a outros cinemas de rua que existiram na cidade, ao redor de praças ou

outros locais marcantes para a urbe. O Theatro Nicodemus não ‘reinou’ sozinho na cidade de Joinville.

Também analisei para este estudo entrevistas realizadas em 2001 (GUEDES, 2001) pelos estudantes do primeiro ano do curso de graduação em História da Universidade da Região de Joinville (Univille) que estão arquivadas junto ao Laboratório de História Oral (LHO) da instituição, dentre outras entrevistas ali guardadas. Esses relatos de 2001 estão também completamente transcritos e arquivados junto ao Processo de Tombamento do edifício do Theatro Nicodemus/Cine Palácio, na Secult – Secretaria de Cultura e Turismo (extinta Fundação Cultural de Joinville), documento que pode auxiliar a entender a trajetória deste edifício e de outros cinemas e suas memórias urbanas.

Por ora, o que se conclui é que houve um período de glória dos cinemas de rua, mas que por diversos motivos, especialmente a decadência tecnológica de seus aparatos, levou estes espaços de entretenimento e lazer a ruir. Outro motivador desta ruína foram os novos usos que se fizeram desses espaços, nem sempre consonantes com o desejo dos usuários e moradores locais.

DA CONCORRÊNCIA DENTRE OS CINEMAS DE RUA

Até meados da década de 1950, o Cine Palácio (fig. 1) liderava o público que frequentava as atividades culturais cinematográficas da cidade de Joinville. Mas as plateias se dividiam também entre as sessões de outros pequenos cinemas, como o Cine Rex, este inaugurado em 1937.

No início do ano de 1956, o jornal A Notícia anunciou a vinda de um forte concorrente para os cinemas de rua da cidade. O veículo publicou que em setembro daquele ano o Cine Colon iria abrir as suas portas. Noticiou que seria o maior cinema da cidade e que dentro de 60 dias haveria o início da construção das fundações.

Figura 1. Cine Palácio. Notam-se as inscrições “1917 Theatro Nicodemus” e o desenho de uma lira no centro, representando a música.



Fonte: Arquivo Histórico de Joinville. Envelope: Sociedades, cinemas, teatros e clubes, n. 144, 2015.

Naquela mesma semana houve a “festa da cumeeira, com a presença do prefeito da época, Sr. Rolf Colin e de pessoas da elite conservadora e construtora da cidade” (A NOTÍCIA, 28 jan. 1956) – o prefeito da época era descendente de alemães, estando marcada a identidade germânica na cidade. Haveria 1.200 poltronas estofadas, contava a novidade midiática, com exaustores e ventiladores e com dutos para futuros condicionadores de ar, que se esperava que chegassem até setembro, porém, com a crise das importações, não havia certeza quanto a isso. A entrada iria ser pela Praça Nereu Ramos e a saída, pela Praça Lauro Müller. O Hotel Colon, que seria construído ao lado do cinema, teria seis pavimentos e no térreo haveria lojas comerciais (A NOTÍCIA, 28 jan. 1956).

Com um pequeno atraso, o Cine Colon foi inaugurado em novembro daquele ano e veio com uma nova concepção arquitetônica. O entrevistado Tirone Meier lembra que este cinema “veio mais moderno, com poltronas mais confortáveis e maiores, com uma beleza estética diferenciada, o Cine Colon já surgiu corrigindo, digamos, eventuais falhas que o Cine Palácio tinha por ter sido pioneiro” [informação verbal]¹. Afinal, o Palácio, antigo Theatro Nicodemus foi inaugurado em 1917.

O Cine Colon, instalado ao lado do Hotel Colon, a uma quadra do Cine Palácio, foi um cinema que trouxe um público que antes ia exclusivamente ao Cine Palácio, passando a ser a primeira opção para a elite da cidade. Nas vésperas da inauguração do novo cinema de Joinville, projetado por Rubens Meinster, afirmava-se, nos jornais da cidade, que o Cine

¹ MEIER, Tirone. **Tirone Meier**: depoimento [set. 2001]. Entrevistador: Geovani Silveira. Joinville: Univille, 2001. Arquivocine.mp3. Entrevista concedida ao Projeto Cine Palácio: Fragmentos da história do cinema em Joinville, da Univille. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Processo de Tombamento do Cine Palácio.

Colon seria um edifício moderno e imponente e, portanto, nada ficaria a dever aos melhores cinemas que existiam em São Paulo ou Rio de Janeiro. A renda da sessão inaugural seria completamente revertida pelos diretores do cinema, Herbert Busch e Nelson Walter, para instituições de caridade (Asilo da Cidade e Asilo de Pirabeiraba, hoje Ancionato Bethesda).

E após alguns meses de espera, se expôs na edição do dia 8 de novembro do Jornal de Joinville: “Está, portanto, de parabéns, o povo joinvilense, que dentro de poucos dias passará a contar com nova e magnífica casa de diversões à altura do seu progresso” (JJ, 8 nov. 1956).

Figura 2. Cine Colon, Rua São Joaquim, Centro, Joinville, foto da década de 1970.



Fonte: Documentário Memórias dos cinemas de rua de Joinville, 2016.

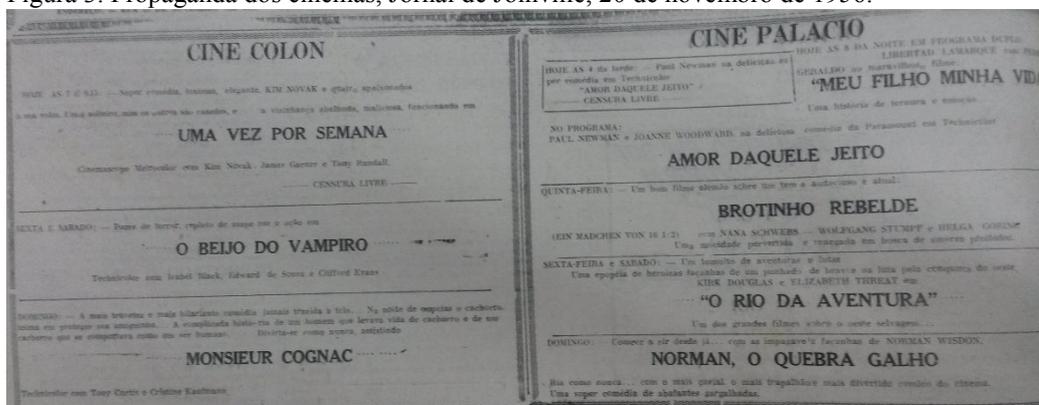
Em 15 de novembro de 1956, o Cine Colon foi inaugurado (fig. 2), conforme noticiado no Jornal de Joinville, tendo como filme de estreia *Sete noivas para sete irmãos* (JJ, 25 nov. 1956). Na notícia de capa foi destacada a inauguração do “luxuoso Cine Colon”, com a presença de avultado número de pessoas de destaque social.

A presença que menciona a manchete foram autoridades civis e militares, sacerdotes, membros influentes das classes liberais e conservadores e crescido número de senhoras e senhoritas da nossa melhor sociedade, a imprensa e rádio. [...] O amplo hall que dá acesso a sala de projeções, está elegantemente mobiliado, apresentando assim o aspecto mais agradável possível. Está atapetado com discrição e dispõe de poltronas confortáveis. [...] A impressão de todos os presentes foi a melhor possível, não houve uma voz discordante (JJ, 15 nov. 1956).

A partir da inauguração o que se vê nos jornais da cidade (fig. 3) é a concorrência em busca de expectadores aos filmes e séries exibidos semanalmente. Normalmente, após a exposição dos filmes daquele dia ou daquela semana, os editores faziam uma sinopse, com

críticas e elogios aos atores e à trama.

Figura 3. Propaganda dos cinemas, Jornal de Joinville, 20 de novembro de 1956.



Fonte: Arquivo Histórico de Joinville, Jornal de Joinville, 1956.

Neste ciclo da história dos cines de rua de Joinville, a partir da década de 1960, os cinemas da cidade têm um novo fôlego, pois há a entrada do Cine Colon, em 1956, juntando-se ao Rex (fig. 4) e ao Palácio no mercado de cinemas de rua.

Figura 4. Edifício Liga de Sociedades, Cine Rex, 1937.



Fonte: Acervo Arquivo Histórico de Joinville, 2015.

Annelise Ilse Mokross (2001) lembra que existiam diferenças entre os cinemas Rex e Cine Palácio: “Geralmente os ‘filhos de família’ frequentavam o Cine Rex que funcionava na atual Liga de Sociedade, e o Palácio, por razão qualquer, às vezes tinha cadeiras quebradas, tinha pulgas de vez em quando. [...] era um ‘outro público’ que frequentava o Palácio” [informação verbal]². Questiono-me que ‘outro público’ seria esse que a entrevistada relata.

² Entrevista concedida por MOKROSS, Annelise Ilse. **Annelise Ilse Mokross**: depoimento [set. 2001]. Entrevistadora: Norma Vailatti. Joinville: Univille, 2001. Arquivocine.mp3. Entrevista concedida ao Projeto Cine Palácio: Fragmentos da história do cinema em Joinville, da Univille. A entrevista na íntegra encontra-se

Quem seriam os *filhos de família* que Annelise Mokross indica como frequentadores do Cine Rex? Nesse momento não poderia responder com exatidão, mas acredito que a entrevistada considerava pessoas de famílias que preservavam os valores familiares, e que seriam as famílias da elite da cidade – os que possuíam sobrenome reconhecido, provavelmente, suponho, os filhos e os netos dos descendentes germânicos. A segregação aparece revestidas pelas diferenças de público que frequentava este ou aquele cinema.

O Cine Palácio, em razão da nova concorrência apresentada pelo Colon e outros concorrentes como o Rex, precisou passar por uma reforma. Tirone Meier (2001) corrobora com essa afirmação, dizendo que “por uma questão até de sobrevivência, o Cine Palácio passou por transformações. [...] no meu tempo não havia carpete, as cadeiras eram de madeira, realmente com muito pouco conforto” [informação verbal]³.

Mesmo não tendo muito conforto, nas palavras de Tirone Meier observa-se a nostalgia sentimentalista pelo edifício e pelo uso que dele era feito até deixar de ser cinema: “Era um cinema, [pausa] era muito querido por toda a população. Ele era... a gente tinha um sentimento de amor pelo cinema, porque ali era o nosso local de maior divertimento” [informação verbal]⁴. Tirone Meier foi criado dentro do cinema, por conta do trabalho de sua mãe e porque depois também trabalhou por anos no Cine Palácio, primeiro vendendo bombons e balas e, posteriormente, na sala de projeção dos filmes. Sua vida parece ser permeada de experiências atreladas ao cinema, o que com certeza influenciou na sua fala sobre suas lembranças aos entrevistadores.

O projeto com as modificações parciais no edifício do Cine Palácio foi implantado para construir uma loja com depósitos. A proprietária do imóvel na época era a Empresa Cinematográfica Van Biene, e os responsáveis técnicos pelas modificações foram os mesmos da sua construção, inaugurado em 1917, os engenheiros-arquitetos Georg Keller e Paul Hellmuth Keller.

As aberturas projetadas à esquerda da entrada do cinema modificaram a estética frontal da fachada do edifício, no entanto, foram obras que se mostravam necessárias para a atualização do prédio com novos equipamentos e nova estrutura, na época de sua aprovação em meados de cinquenta. Além disso, construíram também lojas comerciais anexas ao edifício, momento em que se iniciou o processo de descaracterização arquitetônica do prédio.

transcrita no Processo de Tombamento do Cine Palácio. Nasceu em 1936, era neta de Germano Stein, importante comerciante da cidade, que fazia o transporte marítimo entre Joinville e São Francisco do Sul.

³ MEIER, Tirone. **Tirone Meier**: depoimento [set. 2001]. Entrevistador: Geovani Silveira. Joinville: Univille, 2001. Arquivocine.mp3. Entrevista concedida ao Projeto Cine Palácio: Fragmentos da história do cinema em Joinville, da Univille. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Processo de Tombamento do Cine Palácio.

⁴ MEIER, Ibidem, 2001.

Na figura 5 é possível verificar a transformação pela qual o local passou. Nesta imagem podem ser visualizadas as lojas anexas ao prédio do lado direito, as quais ainda existem na atualidade.

Figura 5. Cine Palácio, aproximadamente no ano de 1965.



Fonte: Arquivo pessoal de Vilson Voigt, Joinville (SC), 2014.

A partir de 1965, o Brasil estava passando pelo regime militar, os chamados *Anos de Chumbo*. Durante a presidência de Castelo Branco, em 1966, nos cinemas de Joinville, adolescentes menores de 14 anos não podiam entrar nas sessões noturnas, mesmo que acompanhados dos pais. Um dos motivos dessa proibição era o início da exibição de filmes com conotação mais sensual dos que os habitualmente exibidos até então. Um dos filmes ditos pornográficos era *Vida secreta de uma loura espetacular*, um filme alemão no qual era apresentado o “realismo e emoção na grande metrópole na vida agitada de uma loura sensual e decidida”, conforme propaganda da película no Jornal de Joinville (JJ, 25 abr. 1966).

No entanto, ainda em sua maioria os filmes exibidos nos cinemas eram leves, quer dizer, românticos, nos quais o mocinho sempre vencia o bandido e ainda conquistava seu grande amor, mesmo nos gêneros faroeste e policial. Aos poucos, a década de 1960 foi marcada por uma nova leva de filmes com conotação mais violenta e sensual, como foi o caso de *Os Cafajestes*⁵. Sobre este filme, que era exclusivo para adultos, o depoente Tirone Meier (2001) lembra que gerou certa comoção na cidade, tendo até interferência da igreja. “Houve discursos à frente do cinema para impedir a projeção do filme. E era um filme que não tinha,

⁵ Os Cafajestes é um filme brasileiro de 1962, do gênero drama, escrito e dirigido por Ruy Guerra. Teve participação no roteiro de Miguel Torres. Foi o primeiro filme dirigido por Ruy Guerra no Brasil. A atriz Norma Bengell protagonizou o primeiro nu frontal do cinema brasileiro neste filme. Disponível em: https://adorocinema/Os_Cafajestes. Acesso: 13 jul. 2015.

digamos, não havia cenas assim explícitas, tão fortes, mas na verdade era uma sociedade muito puritana” [informação verbal]⁶.

O Cinema Novo, movimento cinematográfico brasileiro influenciado pelo neorrealismo italiano e pela Nouvelle Vague francesa, com reputação internacional, imperava na indústria cinematográfica brasileira ao lado dos filmes norte-americanos e europeus. O cinema brasileiro viveu um período de agitação política durante o regime militar, especialmente pelos enfrentamentos de estudantes, artistas e intelectuais contra o governo imposto. No entanto, isso não barrou a produção cinematográfica. Filmes como *Garota de Ipanema* e *Capitu* estrearam na época. Esses filmes, chamados pelo entrevistado (Tirone Meier, 2001)⁷ de não-puritanos para a época de sua exibição, parecem-me uma resposta à *la woodstock*, ou seja, uma tentativa de quebrar com o que estava estabelecido até então, como o *status quo* cultural da arte e até mesmo como cinema – tanto que este evento que aconteceu nos Estados Unidos é chamado de um *standard* da contracultura.

O cinema era uma das opções de lazer procurada pelos moradores de Joinville, contudo, a cidade passava por um período de grande desigualdade social. Nesse entremeio dos anos 1960, a censura instaurou-se no Brasil, a partir do regime militar, bem como surgiu a televisão a cores e os videocassetes. Tudo isso fez com que houvesse uma diminuição significativa do público que frequentava os cinemas de rua, resultando, assim, no início da queda dos cinemas. A seguir, discutirei a decadência do Cine Palácio e de outros cinemas de rua, o uso daquele ambiente para exibição dos filmes pornográficos⁸ e, por último, a ressignificação do espaço pela igreja evangélica.

DA DECADÊNCIA E RUÍNA DOS CINES À EMERGÊNCIA DO PATRIMÔNIO

Alguns fatos e acontecimentos contribuíram para que os cinemas de rua da cidade de Joinville começassem a entrar em decadência. No âmbito nacional, houve a popularização do videocassete e dos videogames, a introdução dos televisores no cotidiano brasileiro e o aumento dos ingressos de cinema, fazendo com que este entretenimento se tornasse cada vez mais elitizado. Na esfera da cidade de Joinville, um dos fatos que marcaram o lugar foi a

⁶ MEIER, Tirone. **Tirone Meier**: depoimento [set. 2001]. Entrevistador: Geovani Silveira. Joinville: Univille, 2001. Arquivocine.mp3. Entrevista concedida ao Projeto Cine Palácio: Fragmentos da história do cinema em Joinville, da Univille. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Processo de Tombamento do Cine Palácio.

⁷ MEIER, Ibidem, 2001.

⁸ Os filmes considerados pornográficos na realidade eram chamados de *pornochanchadas* na década de 1970. Somente nos anos 1980 é que os filmes produzidos no Rio de Janeiro e na Boca do Lixo, em São Paulo, eram pornográficos (MARSON, 2009, p. 19).

venda do edifício do Cine Palácio pela família Van Biene à sua sucessora, a Empresa Cinematográfica Arcoíris, em 1977. No entanto, mais do que isso, contribuíram para o fim destes espaços: o surgimento das salas de cinemas nos *shoppings*, na década de 1990, somado ao receio de sair às ruas andando à noite – isso ainda nos anos de chumbo, gerando reflexos também na década de 1990, após o fim da ditadura. A magia do ritual do passado esvaiu-se e os cinemas de rua tornaram-se uma memória urbana de um outro tempo da cidade. Assistir a um filme se tornou apenas mais um ato trivial às tardes ou às noites de compras ou um passatempo.

É válido destacar, porém, que na pesquisa documental no Arquivo Histórico em que analisei a década de 1970, houve uma nova leva positiva de público, impulsionada pelas grandes produtoras norte-americanas de filmes. No entanto, a partir dos anos 1980, o declínio dos cinemas de rua começou a ocorrer, até ruir por completo nos anos 1990.

Nesta pesquisa encontrei, além dessa leva positiva, duas reportagens sobre o Cine Palácio. Uma publicada no Jornal de Joinville, na qual o jornalista Moacyr Gomes de Oliveira, na edição de 19 de julho de 1969, veiculou artigo sob o título *O antigo Palácio Teatro II* (JJ, 19 jul. 1969), que falava do novo uso que se faria a partir das reformas ocorridas no interior do cinema, que seria voltado às danças, despontando aí o Festival de Dança de Joinville, além das novas fitas que chegariam da produção da Fox, da Columbia Pictures, da Gaumont e da Pathe (francesas), da UFA (alemã), da Warner Brothers e da Paramount Pictures. Todos os produtores, em sua maioria norte-americanos, enviavam suas fitas contabilizando os “quinze minutos para intervalos destinados ao cigarro, ao café do lanche ou à cerveja lá pelas 11 ou 11 e meia horas da noite” (JJ, 19 jul. 1969). Alguns dos filmes que estavam para chegar eram de *Charles Chaplin* e *O Gordo e o Magro*.

Em outra publicação do mesmo jornal, em 04 de janeiro de 1974, o editor reproduziu a *Semelhança de arte arquitetônica: O Teatro Nacional de Munique e o Cine Palácio, de Joinville* (fig. 6) (JJ, 04 jan. 1974). O Teatro de Munique, cidade onde compuseram Mozart, Wagner e Strauss, construído há mais de três séculos, na Alemanha, e o Cine Palácio, de Joinville, construído em 1917, estavam ligados às tradições recreativas mais populares.

Figura 6. Jornal de Joinville, 04 de janeiro de 1974.



Fonte: Acervo Arquivo Histórico de Joinville, 2015.

Nesta pequena reportagem pode-se observar que o autor já enobrece o patrimônio material (arquitetônico) do edifício do cinema Palácio de Joinville, lembrando tradições recreativas com outras dimensões culturais e concepções artísticas. Esse tom, de certa forma nostálgico, que se observa ao ler a reportagem, parecia antever os primeiros passos da descentralização das políticas públicas de preservação do patrimônio cultural do Nordeste e do Sudeste em direção à patrimonialização dos lugares também do Sul, situação especialmente atrelada à exaltação da cultura e das tradições alemãs até poucas décadas rechaçada, particularmente durante o regime militar e a Campanha de Nacionalização.

É nesse momento em que há uma emergência pela patrimonialização tanto brasileira quanto em vários países europeus, que de algum modo refletiu-se na cidade de Joinville. Essas duas reportagens mostram o início das preocupações com a perda de certa identidade cidadina – a identidade de um grupo que se sentia parte da história dos cinemas de rua e, portanto, seria portadora das memórias urbanas relacionadas aqueles prédios. Como lidar com isso?

NOVOS TEMPOS, VELHOS CINEMAS

Durante os anos 1980, em Joinville, havia três cinemas em funcionamento, todos no centro da cidade: o *Cine Palácio*, que ainda exibia produções pornográficas; o *Cine Colon*,

que fechou após um incêndio ocorrido em 1983⁹; e o *Cine Chaplin*, localizado na Rua Princesa Isabel, próximo ao antigo fórum (fig. 7), inaugurado em 1984, que mantinha concorrência direta com o Cine Palácio. O Cine Chaplin, porém, era tido como um cinema alternativo, estilo cult, pois não exibia os mesmos filmes de grandes produtoras estadunidenses e europeias, como o Colon e o Palácio faziam.

Figura 7. Cine Chaplin, inaugurado em 1984, na Rua Princesa Isabel, Centro - foto de 2016.



Fonte: Memórias dos cinemas de rua de Joinville, 2016.

Em 1991, o Cine Chaplin fechou as portas, enquanto o Cine Palácio dividiu-se em duas salas menores, passando a ser chamado de Cinelândia. Um ano mais tarde foi inaugurado o primeiro *shopping center* de Joinville, o Shopping Cidade das Flores, que está localizado numa antiga fábrica, a Malharia Arp, tendo em seu interior uma chaminé, que foi tombada recentemente.

Três anos depois, em 1995, o Cine Palácio alugou parte de seu espaço para a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que utilizava praticamente todo o edifício para seus cultos. Neste mesmo ano, em 1995, mais um *shopping center* foi inaugurado na cidade, o Shopping Mueller. Ambos os shoppings inaugurados nos anos noventa possuíam salas de exibição de filmes. No fim do mesmo ano, a Cinelândia (antigo Cine Palácio, mais antigo ainda Theatro Nicodemus) fechou por completo as portas que ainda funcionavam em uma entrada alternativa à da igreja, mudando o tradicional esplendor do cinema de rua que durante

⁹ Ver mais em PERGER, Alexandre. Cine Colon, a história de uma das maiores casas de espetáculos de Joinville que terminou em foto. Joinville: **Jornal Notícias do Dia**, 09 set. 2013. Conforme noticiado, o único espaço que não se perdeu no Cine Colon foi a sala de projeção dos filmes, que ficou intacta às chamas do incêndio. Hoje, o lugar abriga um estacionamento a céu aberto.

décadas tinha sua abertura pela portaria frontal do edifício principal, para aquelas duas pequenas entradas laterais (fig. 8). O ano de 1995 se configurou como o período de menor público, o que inviabilizou que o espaço sobrevivesse à concorrência recém surgida na cidade. A partir do encerramento das atividades do cinema, a igreja também começou a usar aquele espaço para seus cultos. Contudo, a igreja lacrou as portas laterais que continham dois telhados em formato triangular.

Os novos cinemas, localizados nos *shopping centers*, com estruturas mais confortáveis, seguras, ar-condicionado e som estéreo, fizeram a diferença.

Figura 8. Salas laterais, entradas da Cinelândia, 2015.



Fonte: Disponível em: <<https://www.google.com.br/mapscinelandia+joinville>>. Acesso: 15 out. 2016.

A imagem do cinema de rua mais famoso da cidade começa a ser reconstruída a partir do imaginário de uma ruína. Walter Benjamin (2000) quando traduz o cinema como símbolo da modernidade é profético ao inscrever, no início do século XX, a modernidade como um mundo em ruínas, pois a velocidade das transformações impôs ao homem moderno um mundo presentificado, sendo muito difícil preservar todas as referências e seus significados. “As ruínas seriam, ao mesmo tempo, o desaparecimento e a reconstrução imaginativa” (GONÇALVES, 1996, p. 30). Há uma alteração de experiência, antes expressa na função de cinema, no caso do Cine Palácio e agora ressignificado a partir da igreja.

Portanto, na visão benjaminiana (ABREU, 2012), as consequências da modernidade vão trazer uma perda das tradições e dos elos que permitiam aos sujeitos a articulação de múltiplas temporalidades. Caso análogo é o que ocorreu em Fortaleza, no Nordeste brasileiro, onde no Centro da cidade havia 58 cinemas de rua. O historiador Christiano Câmara, entrevistado por Lopes (2013), relata que o desaparecimento das salas de cinema de rua é uma perda imensa, porque muitas cidades construíram parte de sua identidade cultural e arquitetônica em torno destes locais. Cinema é um prédio de arquitetura específica, e hoje os *shoppings* não são cinemas, são apenas salas de projeção (LOPES, 2013).

Os shoppings centers são construídos com objetivos diferentes dos edifícios que abrigavam os cinemas de rua. O intento comercial que se vê nos grandes *malls*, bem como, as outras atrações, como espaço *kids*, várias salas de projeções com as mais altas tecnologias; não conseguem se igualar ao entretenimento cinematográfico e toda a memória urbana a isso atrelada e por isso, não se comparam.

CONSIDERAÇÕES

As mudanças estruturais ocorridas nos edifícios que antes abrigavam salas de cinema, principalmente a partir da década de 1990, também aconteceram em outros setores comerciais e industriais de Joinville, pois o “domínio da falta de quase tudo foi quebrado [...] quando as empresas, tendo de reduzir custos, terceirizando serviços, notadamente os de mão de obra intensiva. Novas e pequenas empresas foram criadas, as recreativas passaram também a ser administradas por terceiros” (COELHO, 2011, p. 61).

A industrialização e a terceirização de setores fabris trouxeram à cidade de Joinville novos desafios. Por um lado, trouxe o desemprego, mas, por outro, surtiu uma iniciativa empresarial com novos olhares. Por este motivo o município ainda é visto por intermédio da colonização/imigração europeia e da migração interna, de acordo com Coelho (2011), como uma cidade próspera, industrializada, e isso justificaria a ordem, a disciplina e a riqueza cultural em vários setores.

O surto desenvolvimentista que assolou Joinville e outras cidades catarinenses trouxe, de acordo com Ficker (2008), Ternes (1993) e outros discursos autorizados da cidade, números animadores à economia local, com o progresso se firmando no município, mas também colocou abaixo alguns exemplares da cultura e das tradições da cidade, como o fechamento de todos os cinemas de rua. Afinal, o interesse imobiliário começou a ameaçar edifícios e casas históricas. Todavia, essa posição conservacionista entre o progresso industrial, visto especialmente a partir das décadas de 1960 e 1970 nas cidades catarinenses, em confronto direto e aparente com o patrimônio e a sua preservação não pode servir de regra a todas as cidades que sofreram esse processo de crescimento urbano.

Para auxiliar no entendimento dessa discussão, trago a premissa de José Reginaldo Gonçalves (1996) da *retórica da perda*. O autor entende que essa retórica é muitas vezes utilizada por técnicos que trabalham com o patrimônio ou por autores que estudam este campo, na direção de buscar a salvaguarda do passado por meio do patrimônio, no sentido que resgatá-lo a fim de evitar a perda da memória e da identidade cultural de certo lugar. Nessa

posição, o passado é visto como um lugar, e não como um tempo, onde haviam verdadeiras culturas a serem salvas e preservadas. Esse discurso deve ser combatido ou, ao menos, problematizado. Afinal, não é o fato de a economia local crescer durante aquelas décadas e se expandir até os dias atuais que vai determinar a queda de alguma cultura em particular ou o esfacelamento de determinados bens imóveis, destinando-os à preservação ou ao esquecimento.

Ainda que o termo *preservação* esteja diretamente ligado à noção de antecipadamente notar o perigo de destruição, o que afirma Mario Chagas (1994) em seu artigo sobre a busca do documento perdido, existem muitos exemplos espalhados por todos os estados brasileiros em que houve desenvolvimento econômico e preservação, como são os casos dos centros históricos, tombados em conjunto ou individualmente. A noção de uso, as transformações de uso e a atribuição de significados aos lugares quando estes se tornam patrimônio é tema urgente dentro do campo patrimonial. Por ora, minha preocupação foi questionar se e quando houve períodos de glória dos cinemas de rua, mas que por diversos motivos, especialmente a decadência tecnológica de seus aparatos, incêndios, a vinda de novos cinemas dentro dos shoppings, levou estes espaços de entretenimento e lazer a ruir. Outro motivador desta ruína foram os novos usos que se fizeram desses espaços, nem sempre consonantes com o desejo dos usuários e moradores locais.

Portanto, com o intuito de entender essa biografia histórico-cultural que veio modificando os usos e as apropriações dos edifícios dos antigos cinemas, o Cine Palácio ressignificado como igreja; o Cine Rex perdendo seu status de cinema para se tornar um clube social; o Cine Chaplin desativando suas atividades para salas de escritórios e o incêndio devastador ao Cine Colon, questiono-me sobre o que ocorre quando um uso chega ao seu fim. O que acontece quando algo que representava o novo e o moderno se esfacela e se torna antiquado e representativo de outra era?

A biografia desses patrimônios, sendo o único legitimamente tombado o Cine Palácio, exposta até aqui permite entender os sistemas de construção de valores que o qualificam e que são imprescindíveis para seu entendimento. Tais valores foram ressignificados e criaram caminhos permeados por fases que se adicionaram à biografia deste bem cultural patrimonializado.

Walter Benjamin (2000), já citado anteriormente, trabalha com a ideia de ruínas enquanto fragmentos da história. As ruínas pensadas como marcas de um passado que demora a passar. Dotadas de significados a partir de alegorias que tentam romper com o fluxo contínuo da história. As ruínas trazem a noção de finitude, de destruição, embora só

tenha sentido como ruína em si se houver a manutenção dela mesma, estando no passado e agora no presente ressignificada. A sua manutenção ocorre por meio das restaurações estruturais e também pelo reviver de memórias quando alegorizadas em ruínas memoriais.

Muitos cinemas de rua, inaugurados no início do século XX, como foi o Theatro Nicodemus, na cidade de Joinville, que mais tarde, nos anos áureos da indústria cinematográfica, tornou-se o Cine Palácio, sofreram com a sua decadência perante as novidades tecnológicas, caíram em ruína. Por isso, a tecnologia desses aparatos teatro-cinematográficos socioculturais envelheceu e o que sobrou foi deixado no passado, nas memórias dos que viveram aqueles tempos. A memória coletiva ganhou um *lugar de memória*, fazendo menção a P. Nora (1993) no espaço urbano por meio de sua patrimonialização.

A salvaguarda dada pelos técnicos do campo do patrimônio a partir da mobilização do grupo de estudantes de História da Univille, que realizou entrevistas arquivadas no processo de tombamento, que aqui também foram usadas, surtiu efeito na preservação da materialidade do que era o maior cinema de rua da urbe joinvilense, o seu conjunto monumental arquitetônico. O tombamento do Cine Palácio em 2003 gerou ressonância, pois supriu a necessidade urgente de proteção que aquele prédio representativo de uma outra temporalidade precisava. Tanto que, após esse primeiro ato deliberativo compulsório, a Comissão de Patrimônio da cidade tombou outros diversos bens que estariam com risco de perda.

Por isso, os monumentos e bens patrimonializados são como obras representativas de certas pessoas, grupos e acontecimentos significantes de certo tempo que o poder político consagra para fortalecer identidades presentes na urbe. Patrimônio não pode ser visto somente como um acervo ou como um recurso explorável econômica e turisticamente. O patrimônio é, portanto, a linguagem representativa da força que atua na cidade. Assim, analisando a biografia dos cinemas de rua de Joinville desde a década de 1950 até meados dos anos 1990 se percebe que a cidade vem se ressignificando e reivindicando outras vozes, novos ou outros grupos, outros espaços, novos tempos, criando outros patrimônios. Quanto a estes novos patrimônios, as ruínas industriais são belos exemplos emergentes a se patrimonializar, ainda mais quando se fala na história de Joinville, no entanto, aqui já não há mais fôlego nem espaço para fazê-lo, deixando então novas brechas para outra oportunidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, R. Colecionando museus como ruínas: percursos e experiências de memória no contexto de alçoes patrimoniais. **Ilha**, Florianópolis, no 14, jan/jun 2012, p. 17-35.

A NOTÍCIA, jornal, 1956.

BENJAMIN, W. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: AL., A. E. **Teoria da cultura de massa**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 211-254.

BRITTO, Carina Oderdeng de; GRAWE, Emely Kath. Website: **O documentário Memórias do Cinema de Rua de Joinville**. Disponível em: <emely91.wixsite.com/cinemaderuajoinville>. Acesso em: 15 ago 2016.

CHAGAS, Mário. Em busca do documento perdido: A problemática da construção teórica na área da documentação. **Cadernos de Museologia**, n. 2, p. 29-48, 1994.

COELHO, I. **Pelas tramas de uma cidade migrante**. Joinville: Editora da Univille, 2011.

FCJ. **Processo de Tombamento FCJ/CPC nº 2002-001 A-F do Cine Palácio**. Joinville: Fundação Cultural de Joinville, 8 volumes, 2002.

FICKER, C. **História de Joinville**: subsídios para a crônica da colônia Dona Francisca. 2. ed. Joinville: Letra D'água, 2008.

GONÇALVES, J. R. S. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / IPHAN, 1996. 156 p.

GUEDES, S. P. L. D. C. **Cine Palácio**: Fragmentos da história do cinema em Joinville. Joinville: Editora da Univille, 2001.

_____. **História de (i)migrantes**: o cotidiano de uma cidade. Joinville: Univille, 2005.

LOPES, J. A. **Cinemas de rua desaparecem em Fortaleza e despertam saudosismo**. Fortaleza: Sindicatos dos bancários do Ceará, 2013. Disponível em: <http://www.bancariosce.org.br/noticias_detalhes.php?cod_noticia=16445>. Acesso em: 11 jun. 2015.

JJ, Jornal Joinville, 1956, 1966, 1969, 1974.

MARSON, Melina Izar. **Cinema e políticas de Estado**: da Embrafilme à Ancine. São Paulo: Escrituras Editora, 2009.

KALB, Christiane. **Do instante esplêndido à decadência**: Patrimonialização e judicialização do Cine Palácio de Joinville. Orientadora, Maria Bernardete Ramos Flores; coorientadora, Alicia Norma Gonzalez Castells. Florianópolis, SC, 2017.

MEIER, Tirone. **Tirone Meier**: depoimento [set. 2001]. Entrevistador: Geovani Silveira. Joinville: Univille, 2001. Arquivocine.mp3. Entrevista concedida ao Projeto Cine Palácio: Fragmentos da história do cinema em Joinville, da Univille. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Processo de Tombamento do Cine Palácio.

MOKROSS, Annelise Ilse. **Annelise Ilse Mokross**: depoimento [set. 2001]. Entrevistadora: Norma Vailatti. Joinville: Univille, 2001. Arquivocine.mp3. Entrevista concedida ao Projeto Cine Palácio: Fragmentos da história do cinema em Joinville, da Univille. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Processo de Tombamento do Cine Palácio.

NIEHUES, V. D. **De agricultor a operário**: lembranças de migrantes. Dissertação de Mestrado em História, Florianópolis, 2000. 245 p.

NORA, P. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 10, PUC-SP, 1993. P. 7-28.

TERNES, A. **Joinville**: a construção da cidade. São Paulo: Bartira, 1993.